

O CONTRÁRIO DE B.

Por Bruno Liberal

O dia passa assim: sem pressa. Numa lentidão de roda-gigante. Um redemoinho de esperanças. Anéis superficiais que se esvaem na incerteza das horas.

O tempo todo nessa mesma velocidade. Atropela tudo.

Atropela devagar. Dolorosamente. Passando por cima de cada osso do corpo.

Não incomoda, mas dói.

Ele olha para cima. Para o azul.

Protege os olhos com a mão. Percebe que não há vento, há sol. Um sol muito perto da cabeça. Um sol que fica posicionado a uns dois metros da cara de B. Sente isso queimando a pele. Sente isso com o cheiro do asfalto flutuando. Quase dá para pegar o sol e comê-lo.

B. está cansado. Extremamente.

Em pé, na calçada, com o sol a dois metros, não sabe para onde seguir. Ouve a confusão de vozes que gritam. Não sabe o que gritam. Não entende. Sente apenas a dor das vozes. Dos gritos. Dos vários. Da multidão de dentro.

Dá para ver os pés castigados. Sujos. Rachados. Com grandes fissuras. Aberturas grossas e complexas que pegam do calcanhar e se estendem até as vozes. Vozes rachadas. Que gritam desesperadas. O pescoço parece ter sido vencido. Amolece. O corpo inteiro dói. No entanto, essa dor não é nada. Não é nada porque sempre esteve lá.

Desde que se lembra. Desde o dia que ficou de pé. Que saiu andando sem rumo. Que abraçou o mundo com passos delicados. Pequenos. Um, dois, três. Passos. Mil. Milhões de olhos olhando suas feridas.

Um carro muito limpo e branco para no sinal.

B. olha o carro com sua limpeza e brancura e perfeição e esplendor e tamanho e rodas muito pretas, brilhantes. Fica triste.

Não.

Sempre estive (triste).

E aquilo de tanta limpeza e brancura chama suas lágrimas. Chama gritando, misturando-se com as vozes que nunca param.

Mas as lágrimas não caem. Não poderiam. Não dá para ser algo que não existe dentro. Não dá para ser sentimento abortado. As lágrimas foram abortadas um dia, como ele mesmo.

Não se lembra de sentir tanta confusão assim.

Esse seu nome: B. tinha agora quinze anos.

Na rua não era criança. Seu nome B. de B. de B. de rua.

O vidro espelhado do carro reflete uma imagem feia de B. parado daquele jeito. Com os cabelos daquele jeito, espetados, sujos.

Nos olhos, negras criaturas de pedra. Retratam apenas essa vida insegura de B. essa incerteza de vida.

Expressa a morte. Expressa quem mata. Os olhos.

Ele pode ser a vítima ou o assassino. Tanto faz. Deve ser os dois.

O sinal abre e mais carros passam. B. continua parado, em pé na calçada, sujo e descalço. Os carros passando assim infinitamente. Tantos carros, tantas vozes, tantas cores confusas, tantos pobres, tantas crianças loiras, tantos celulares e sons e cheiros e risos, tantos risos misturados no calor desse dia ao meio.

Ele sabe que quer chorar.

Ele sabe que o sol assim de perto parece um vento frio de solidão.

B. vê uma mulher num carro vermelho tentando estacionar. Vai pedir dinheiro. Vai pedir o que puder. Precisa insistir. Sabe que eles não gostam, mas precisa ficar lá parado com a mão estendida. O mais perto possível. Para incomodar mesmo e B. receber alguma coisa.

Encosta no carro e bate no vidro fechado, com a mão aberta. Suja o vidro. Fica a marca da mão.

Ela vê B. do lado de fora do carro, daquele jeito, batendo no vidro e fica com medo. Assusta-se. Trava as portas. Pensa que esse cara vai arrancá-la dali e fazer uma maldade. Ele é negro. É sujo. Vai machucá-la, com certeza.

B. bate no vidro e pede algum trocado. Ela liga o carro se tremendo toda.

Ele se afasta um pouco e bate de novo. Mais forte.

Ela nervosa, o carro falhando.

B. fica olhando a cena. A mulher nervosa tentando sair do estacionamento. Indo para frente e para trás. Ela olha B. a todo instante. Vê nos olhos dela o desespero. Ela bate várias vezes nos dois carros e consegue sair dali gritando pneu.

B. dá um sorrisinho. B. é feio, tem cara de doido. Queria dinheiro para comprar um pacote de biscoito. Gosta do sabor morango.

Está deitado na calçada. É meio dia. Dorme.

O sol bate forte no seu rosto. Grita na cara dele.

As vozes de dentro também descansam às vezes.

Um casal de namorados passa e observa B. parado ali daquele jeito. No meio do sol. Deitado sobre um papelão sujo.

Parece não se importar com o sol. O casal observa aquilo achando a coisa mais absurda e engraçada do mundo. Ela usa um perfume muito doce e está toda maquiada e usa um vestido tão lindo. Ele está com relógio vermelho no pulso e um celular na mão. Seu porte físico denuncia as horas de academia.

Ele tira uma foto de B., que continua dormindo.

Na internet sai: “fazendo fotossíntese”.

157 gostaram da foto. 13 fizeram piadas. 1 perguntou se eles fizeram algo para ajudar.

Eles comentam alguma coisa entre si, mas B. dorme, sonha. Parece suspenso pelo sol.

Nem eu sei com o que B. está sonhando. Nem eu sei!

B. senta na praça da igreja Catedral. Gosta de Petrolina por causa dessa praça. Do tamanho da praça, das pedras da igreja, da Concha Acústica, do sol nos vitrais. A praça tem o cheiro da cidade. Observa os pombos voando em formações muito específicas. Alguns são muito brancos e especiais, outros sujos e delinquentes. B. é um pombo sujo. Cinza. Preto.

Vê alguns velhos sentados nos bancos da praça. Na sombra. Estão esperando alguma coisa. Vê crianças de uniformes escolares andando em bandos, como os pombos. Pombos brancos.

Sabe que está com fome, mas não sente nada. O azul do vazio na barriga é o céu. E o céu dessa cor é sua fome.

Prefere dormir. Dormir muito. Espera que algo mude em algum

momento durante o sono. Que no sonho o tempo passe em outra velocidade, de outro jeito. E ele acorde outra coisa, que essa coisa que é não presta.

Um jeito assim diferente de passar tudo, de sentir, de acordar.

Um grupo de crianças passa por ele. Estão com farda de colégio. Eles chamam B. de viado e gritam.

Seu viado.

Seu bosta.

Preto safado.

Macaco.

B. observa com seus olhos de pedra.

As crianças gritam e xingam. Fazem gestos obscenos. Perguntam se B. quer dar uma chupada neles.

Chupa aqui, macaco.

Eles pegam algumas pedras soltas no chão. Ele até pensa em correr, em revidar, em esmagar os pombos brancos.

Mas B. está muito cansado. As vozes de dentro gritam demais. Bombardeiam B. com pedras. Acertam uma na cabeça. Várias.

B. cai para trás. Está inconsciente.

Pombos, pessoas, crianças passam para lá e para cá. Continuam suas vidas de pombos, pessoas e crianças. A praça continua praça com sua igreja e Concha Acústica e cheiro de cidade.

B. acorda no mesmo lugar. Leva a mão à testa e sente um caldo viscoso. Deve ser amargo esse seu sangue de pombo preto.

Caiu e deve ter ficado pelo menos uma hora parado ali daquele jeito. E o mundo continuando.

Percebe agora sua solidão.

B. não sente raiva.

Não sente alegria.

B. é uma pedra no chão que pode voar na cabeça de outros B's. Está na rua do colégio Dom Bosco andando para não morrer pedra.

Vê dois namorados se beijando.

Devem ter a mesma idade que ele.

Ele se aproxima. Fica muito perto. Quase consegue sentir o hálito misturado dos dois. Eles se assustam. A mocinha dá um grito. B. diz assim: “você é meu contrário”. Diz com sua voz de pedra. Um som que mistura todas as vozes de dentro como se esses gritos convergissem para essa frase.

E leva um murro.

Ele sangra e ri. Percebe que não sente dor. Sente apenas uma sensação de congelamento. Uma anestesia local. Mas a raiva toma-o. E as vozes continuam.

B. parte para cima do rapaz. Quer matá-lo.

A garota entra na frente.

Ele bate nela. Agarra seus cabelos e esfrega sua cara no chão. Esfrega mesmo, ralando a pele branca da face. Transformando o rostinho angelical em demônio. Fica uma mancha de sangue na calçada. B. está louco, desconta toda sua raiva na garota.

O rapaz valente fica paralisado. Sente o medo de B. invadi-lo também. Percebe nos olhos de B. o vulcão, a solidão, a fome, a vítima, o assassino. O rapaz entra num estado de estupor.

B. esfrega a cara da garota e puxa seus cabelos.

B. ri. Dentes pretos, sujos, amarelos.

Esfrega, puxa e bate.

Com violência.

Está na delegacia. Com o rosto deformado. A população se uniu e deu uma surra nele. Gritavam várias coisas. Tudo que já ouviu. Tudo que eles queriam que B. fosse.

Um policial faz perguntas grosseiras, ofensivas.

B. não sabe o que a palavra que o policial disse significa.

B. quase não consegue enxergar.

O tempo passa e começa a sentir fome. Sentir fome de verdade. Na barriga.

Fica surpreso com isso.

Ele ri e o policial pergunta por que porra ele está rindo.

B. olha para o alto.

Olha o céu pela janela. Olha a vastidão desse oceano inverso. Sua vida navegando em sonhos perdidos.

Pergunta ao policial se ele consegue ver todos esses tons de azul. Esses que ficam margeando o céu. Porque azul não é uma cor. Não é.

É uma vida.

E vida é o contrário do que ele é. Do que tem sido. Do que acontece o tempo todo na roda-gigante. Vida é o contrário de B.

BRUNO LIBERAL (PERNAMBUCO)- Escritor e Economista. Publicou o volume de contos Sobre o tempo (Ed. Multifoco, 2012), Olho morto amarelo, grande vencedor do I Prêmio Pernambuco de Literatura (Companhia Editora de Pernambuco - Cepe, 2013) e Juro por Deus que é um final feliz, edição artesanal da Mariposa Cartonera (2013).

!Blecaute
Revista de Literatura e Artes



www.revistablecaute.com.br
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)